

O FILTRO INVISÍVEL DAS ELEIÇÕES: ALGORITMOS, BOLHAS INFORMACIONAIS E O DESAFIO DA DEMOCRACIA



Você já teve a sensação de que algumas pessoas vivem em um país completamente diferente do seu? Que enxergam outra economia, outros problemas e até outros “fatos”, mesmo diante dos mesmos acontecimentos? Em tempos de intensa polarização política e proximidade de novas eleições presidenciais, essa talvez seja uma das questões mais importantes para compreender a política contemporânea.

Hoje, milhões de pessoas acompanham notícias, debates e campanhas diariamente. No entanto, embora todos pareçam participar do mesmo processo político, cada indivíduo recebe uma versão distinta da realidade. E isso não ocorre por acaso. Grande parte daquilo que vemos nas redes sociais passa por sistemas de filtragem invisíveis, organizados por algoritmos que definem quais conteúdos serão exibidos, priorizados ou ocultados.

Essa é justamente a discussão central desenvolvida por Eli Pariser no livro *The Filter Bubble*, publicado no Brasil com o título *O filtro invisível*. O autor argumenta que as plataformas digitais criaram aquilo que ele denomina “filtro invisível”, também conhecido como “bolha informacional”. Trata-se de um sistema de personalização que organiza o fluxo de informações com base no comportamento prévio dos usuários.

Aquilo que curtimos, os vídeos em que paramos, os conteúdos que compartilhamos e as pessoas com quem interagimos alimentam continuamente algoritmos de recomendação. Esses sistemas analisam nossos padrões de comportamento e tentam prever quais conteúdos têm maior probabilidade de

capturar nossa atenção por mais tempo.

O ponto central é que os algoritmos não priorizam necessariamente conteúdos mais relevantes, equilibrados ou verdadeiros. Seu principal objetivo é maximizar engajamento. E conteúdos que despertam emoções fortes, como indignação, medo ou raiva, tendem a performar muito melhor dentro dessa lógica.

Na prática, isso significa que as plataformas aprendem rapidamente quais narrativas reforçam nossas crenças e passam a exibir cada vez mais conteúdos semelhantes. O resultado é a consolidação das chamadas bolhas informacionais: ambientes digitais altamente personalizados nos quais indivíduos são expostos predominantemente a perspectivas alinhadas às suas preferências políticas e ideológicas.

O problema é que essas bolhas são cognitivamente confortáveis. Dentro delas, quase tudo parece confirmar aquilo que o indivíduo já pensa. Comentários reforçam opiniões prévias, notícias validam interpretações e vídeos parecem demonstrar que “os fatos estão do seu lado”. Aos poucos, o contato com perspectivas divergentes diminui e o contraditório perde espaço.

Esse processo possui implicações profundas para as eleições e para o funcionamento da democracia. Campanhas eleitorais não dependem apenas de propostas ou indicadores econômicos. Elas dependem da circulação pública de argumentos, da possibilidade de confronto entre interpretações distintas da realidade e da existência de algum espaço comum de

debate.

Entretanto, o ambiente algorítmico frequentemente opera no sentido oposto. Em vez de ampliar a exposição à diversidade de perspectivas, ele tende a reforçar o chamado “viés de confirmação”: a tendência humana de aceitar informações que confirmam crenças prévias e rejeitar aquelas que as desafiam. Os algoritmos potencializam exatamente esse mecanismo psicológico. Quanto mais um usuário interage com determinado tipo de conteúdo político, mais conteúdos semelhantes passam a ser exibidos.

Como consequência, grupos políticos distintos passam a viver em universos informacionais cada vez mais separados. É por isso que a polarização contemporânea difere da simples discordância política tradicional. As pessoas não discordam apenas sobre soluções ou projetos de governo. Muitas vezes, discordam sobre os próprios fatos: sobre o que aconteceu, quem é responsável, qual ameaça é mais grave e até mesmo sobre o que pode ser considerado verdade. Não é à toa que hoje se fala em “pós-verdade”.

Esse cenário produz um desafio profundo para a democracia contemporânea. Durante muito tempo, a ideia de esfera pública pressupôs que, apesar das divergências políticas, existia algum espaço compartilhado de debate, um ambiente no qual argumentos circulavam, eram confrontados e discutidos coletivamente. Hoje, porém, esse espaço encontra-se cada vez mais fragmentado.

Em vez de uma esfera pública comum, surgem múltiplas bolhas organizadas por

algoritmos, cada uma sustentada por fluxos próprios de informação, referências e interpretações da realidade. Nesse contexto, o desafio das próximas eleições não consiste apenas em definir quem vencerá a disputa presidencial, mas em compreender se ainda somos capazes de debater política a partir de uma base minimamente compartilhada de fatos e referências comuns.

Quando o debate público se dissolve em universos paralelos de informação, não é apenas a dinâmica eleitoral que se transforma. A própria experiência democrática começa a mudar. E esse é, sem dúvida, um dos grandes desafios enfrentados pelas democracias contemporâneas.



Felipe Calabrez

É Doutor em Administração Pública e Governo pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (EAESP-FGV), com Pós-Doutorado pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris (Sciences Po). É pesquisador pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Representação e Legitimidade Democrática (ReDem) e autor do livro Introdução à Economia Política: O percurso histórico de uma ciência social.



fundação
juntos
podemos
construindo pontes,
transformando a política